



**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

**O TRABALHO NÃO PAGO DAS MULHERES NAS FAMÍLIAS E A
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS CUIDADOS**

O cuidado feminino na engrenagem (in)visível do capital.

Amanda Pavão Matana¹
Maria Isabel Formoso Cardoso²

Resumo: Este trabalho é fruto de uma pesquisa de dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, da UNIOESTE. A pesquisa buscou refletir sobre como as mulheres, de diferentes grupos sociais, compreendem os impactos do trabalho do cuidado exercido no ambiente doméstico, dentro da esfera produtiva do capital. Assim, a pesquisa partiu de uma abordagem qualitativa, orientada pelo método hermenêutico-dialético. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com nove mulheres do município de Toledo/PR, distribuídas em três faixas etárias (20-30, 30-40 e 40-50), por meio da combinação de dois processos: a amostragem probabilística estratificada intencional e a metodologia de bola de neve.

Palavras-chave: Trabalho do cuidado; Reprodução Social; Produção Social; Relações Sociais de Sexo.

Abstract: This work is the result of a master's thesis research project from the Postgraduate Program in Social Work at UNIOESTE. The research sought to reflect on how women from different social groups understand the impacts of care work performed in the domestic environment, within the productive sphere of capital. Thus, the research adopted a qualitative approach, guided by the hermeneutic-dialectical method. Semi-structured interviews were conducted with nine women from the municipality of Toledo/PR, distributed across three age groups (20-30, 30-40, and 40-50), using a combination of two processes: intentional stratified probabilistic sampling and snowball sampling methodology.

Keywords: Care work; Social reproduction; Social production; Social relations of sex.

¹ Assistente Social, professora temporária do curso de Serviço Social na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Mestra em Serviço Social pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, amandamatana@hotmail.com.

² Psicóloga, professora do Centro de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, maria.silva303@unioeste.br



1 INTRODUÇÃO

Na concepção marxiana, o trabalho é a categoria essencial de análise da sociedade, pois se configura como atividade humana, física e psíquica que estrutura as relações sociais no capitalismo. No interior desse modo de produção, determinadas formas de trabalho são invisibilizadas, desvalorizadas e colocadas à margem da lógica produtiva, apesar de sua centralidade na manutenção e reprodução da vida. O trabalho do cuidado realizado por mulheres no âmbito doméstico, se configura como uma dessas expressões de trabalho invisibilizado, frequentemente associado à esfera da reprodução social e desconsiderado como um trabalho.

Historicamente, a divisão sexual do trabalho legou às mulheres a responsabilidade pelo cuidado, naturalizando essa atribuição e desvalorizando as atividades realizadas no espaço privado. Essa naturalização percorre as desigualdades de gênero, que também são atravessadas por marcadores sociais como por exemplo, classe e raça, reconfigurando as formas pelas quais o cuidado é experimentado e compreendido.

Partindo da categoria trabalho e do entendimento sobre as esferas de produção e reprodução dentro da dinâmica do capital, a presente pesquisa coloca como problema: qual a compreensão de mulheres, de diferentes grupos sociais, sobre os impactos do trabalho do cuidado exercido no ambiente doméstico, na esfera produtiva? Tendo em vista que o trabalho do cuidado exercido por mulheres, em âmbito doméstico, participa da esfera da reprodução social, em que medida seus impactos na esfera produtiva são percebidos pelas próprias mulheres que executam o trabalho de cuidado?

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, orientada pelo método hermenêutico-dialético, que permite articular a escuta sensível das experiências das mulheres com a crítica das estruturas sociais que as atravessam. Para a produção dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Participaram nove mulheres, distribuídas em três faixas etárias (20–30, 30–40 e 40–50 anos), com o objetivo de apreender diferentes compreensões sobre o trabalho do cuidado exercido no âmbito doméstico e seus impactos na inserção e permanência das mulheres na esfera produtiva. A análise dos dados considerou os sentidos expressos pelas participantes, as contradições emergentes e as mediações com a totalidade social, a partir de referenciais teóricos vinculados ao feminismo materialista e à teoria da reprodução social.

2 DESENVOLVIMENTO

O capitalismo não é somente um sistema econômico, mas também um sistema que organiza as relações de produção e reprodução. As dimensões de produção e reprodução social se determinam mutuamente. Se há algum problema no que se refere a produção, isso se reflete na reprodução e vice-versa. Nesse sentido, é possível identificar que a classe trabalhadora não existe somente no âmbito da produção.



Mas afinal, o que é a reprodução dentro da dinâmica capitalista? A esfera da reprodução diz respeito à reprodução da vida, da força de trabalho. Ela pode ter o seu caráter produtivo ou improdutivo para o capital, mas é ela quem gerencia a manutenção da vida, que garante roupa, afeto e cuidado social.

[...] a sociedade capitalista é composta de dois imperativos inextrincavelmente entrelaçados, mas mutualmente opostos – a necessidade do sistema se sustentar por meio de seu processo característico de *obtenção de lucro* contra a necessidade de os seres humanos se sustentarem por meio de processos que chamamos *produção* de pessoas. “reprodução social” diz respeito ao segundo imperativo. Abrange atividades que sustentam seres humanos como *seres sociais corporificados* que precisam não apenas comer e dormir, mas também criar suas crianças, cuidar de suas famílias e manter suas comunidades, tudo isso enquanto perseguem esperanças no futuro. (Arruzza *et al.*, 2019, 106 [grifos das autoras])

É por meio da reprodução social que o capital também produz mais-valia. De modo que o âmbito da reprodução social abrange também o trabalho (im)produtivo necessário ao capital, que é o trabalho do cuidado. Se os trabalhadores produzem mercadorias para o capital, quem se torna responsável pela manutenção e cuidado para com os trabalhadores?

Segundo Fraser (2023, p.48-49),

[...] A atividade social reprodutiva não remunerada é necessária à existência do trabalho remunerado, à acumulação de mais-valia e ao funcionamento do capitalismo como tal. Nada disso poderia existir na ausência de tarefas domésticas, educação dos filhos, escolaridade, cuidados afetivos e uma série de outras atividades que servem para produzir novas gerações de trabalhadores e substituir os existentes, bem como manter laços sociais e entendimentos compartilhados. A reprodução social é uma condição indispensável para a possibilidade de produção econômica em uma sociedade capitalista.

Dessa forma, é possível dizer que ao separar os trabalhos de produção econômica e o de reprodução dentro do sistema capitalista, associa-se as mulheres à esfera de reprodução e o trabalho do cuidado, como algo a ser recompensado pelo amor, enquanto na esfera produtiva esse trabalho é reconhecido por meio do salário. (FRASER, 2023).

No marxismo, a reprodução social significa o processo de reprodução de uma sociedade em sua totalidade. Iamamoto (2011) explica que dentro de uma determinada condição histórica, os seres humanos estabelecem relações entre si, se articulam e exercem ações de transformação da natureza por meio do trabalho, realizando assim, a produção. Dessa forma, o capital é também relação social, mas inserido em uma sociedade burguesa que converte o produto do trabalho em mercadoria, ou seja, converte o valor de uso de seus produtos em valor de troca, visando a expansão do capital.

O entendimento de reprodução, dentro do modo de produção capitalista, é de continuidade do processo social de produção, ou seja, “[...] a reprodução torna-se simplesmente um meio de reproduzir o capital, de produzir mais-valia, a qual aparece como forma de rendimento produzido pelo próprio capital e não pelo trabalho.” (IAMAMOTO, 2011, p.53).

Partindo desse pressuposto, feministas marxistas indagam sobre a dimensão da reprodução social. Segundo Bhattacharya (2013, p.104) a força de trabalho é reproduzida por



três processos interconectados:

1. Atividades que regeneram a trabalhadora fora do processo de produção e que permitem retornar a ele. Elas incluem, entre uma variedade de outras coisas, comida, uma cama para dormir, mas também cuidados psíquicos que mantêm uma pessoa íntegra; 2. Atividades que mantêm e regeneram não-trabalhadores que estão fora do processo de produção – isto é, o que são futuros ou antigos trabalhadores, como crianças, adultos que estão fora do mercado de trabalho por qualquer motivo, seja pela idade avançada, deficiência ou desemprego; 3. Reprodução de *trabalhadores frescos*, ou seja, dar à luz [grifos da autora].

Nesse sentido, a teoria da reprodução social se propõe a analisar que o trabalho feito para produzir mercadorias e o trabalho realizado para produzir as pessoas são partes da totalidade sistêmica do capitalismo. Na sociedade capitalista, há uma relação necessária entre a produção das mercadorias e a reprodução da força de trabalho, sem a qual essas mercadorias não podem ser reproduzidas.

[...] A reprodução geracional da força de trabalho implica, em primeiro lugar, que as trabalhadoras têm que existir, isto é, elas têm que ser produzidas biologicamente; mas, em segundo lugar, que elas têm que se reproduzir diariamente: elas precisam repor suas forças não apenas fisicamente, mas também mental e psicologicamente. Isso implica na socialização das futuras trabalhadoras, independentemente de elas terem chance de entrar no mercado de trabalho e conseguir um emprego. Nesse ponto da reprodução geracional da força de trabalho, gostaria de destacar três elementos. Em primeiro lugar, que falar de reprodução social implica falar de reprodução material e física da força de trabalho porque, como é evidente, se nossos corpos não estiverem vivos e saudáveis, não haverá reprodução social. Mas a reprodução social também inclui outras atividades destinadas a dar forma e a moldar as pessoas. (ARRUZZA, 2023, p.622).

Assim, o trabalho reprodutivo é fundamental para a manutenção e regeneração da força de trabalho. Trata-se de um trabalho que, embora muitas vezes invisibilizado e desvalorizado, sustenta a estrutura do sistema capitalista ao garantir as condições materiais, físicas e subjetivas de existência da classe trabalhadora. A reprodução social, entendida como o conjunto de atividades que garantem a continuidade da vida e da força de trabalho, constitui um pilar essencial e estrutural do capitalismo, ainda que permaneça à margem de sua lógica de valorização.

A atividade social reprodutiva não remunerada é necessária à existência do trabalho remunerado, à acumulação de mais-valia e ao funcionamento do capitalismo como tal. Nada disso poderia existir na ausência de tarefas domésticas, educação dos filhos, escolaridade, cuidados afetivos e uma série de outras atividades que servem para produzir novas gerações de trabalhadores e substituir os existentes, bem como para manter laços sociais e entendimentos compartilhados. A reprodução social é uma condição indispensável para a possibilidade de produção econômica em uma sociedade capitalista. (FRASER, 2023, p.48-49).

Em vista disso é que o presente trabalho buscou examinar mais de perto, junto às mulheres, como elas se percebem nesse processo de invisibilidade, improdutividade, desvalorização e sobrecarga, e quais suas concepções acerca do trabalho que realizam no



âmbito doméstico e sua relação com a esfera produtiva.

A pesquisa construiu um arcabouço teórico por meio da pesquisa bibliográfica, além da pesquisa de campo que envolveu entrevistas com 9 (nove) mulheres na faixa etária de 20 a 50 anos de idade. Ao delimitar o presente tema, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com essas mulheres, tendo-se em vista perguntas objetivas e dissertativas, como forma de possibilitar uma maior autonomia delas, ao responderem as questões. As perguntas foram divididas em dois eixos, 1: A) Perfil sócio-cultural e econômico das mulheres entrevistadas, contendo perguntas objetivas e dissertativas, e B) Sobre o trabalho de cuidado. Quanto à amostra de pesquisa e seus critérios de seleção, buscou-se entrevistar mulheres selecionadas, por meio da combinação de dois processos de amostragem: a amostragem probabilística estratificada intencional e a metodologia de bola de neve.

Na faixa etária de 20 a 30 anos, foram entrevistadas: uma mulher de 22 anos que se considera da raça/cor parda, possui ensino superior incompleto, solteira, não define sua orientação sexual, possui dois filhos, sua religião é umbandista, possui vínculo empregatício informal e inconstante, e é mãe solo. Uma outra mulher de 26 anos que se considera da raça/cor preta, ensino superior completo, solteira (mas mora com o namorado), hétero, sem filhos e sem religião, e possui um trabalho de carteira assinada. E por fim, também foi entrevistada uma mulher de 29 anos que se considera da raça/cor parda, possui ensino superior completo, hétero e casada, sem filhos, evangélica e trabalho com carteira assinada, conforme a tabela demonstrada abaixo.

Dentro do estrato de 40-50 anos, foram entrevistas: duas mulheres de 41 anos, sendo a primeira parda, com ensino superior completo, casada, hétero, com dois filhos, sua religião é evangélica e seu trabalho é de carteira assinada; a segunda mulher de 41 anos, se considera de raça/cor preta, também hétero e com ensino superior completo, mas possui um filho, sua religião é católica, seu vínculo de emprego é informal, mas constante, e se encontra em uma família de chefia feminina. A terceira mulher entrevistada se identifica com raça/cor preta, possui ensino fundamental incompleto, é viúva, hétero, possui 2 filhos, é católica e desempregada. A última mulher entrevistada dentro desse estrato tinha 49 anos, autodeclara da raça/cor parda, possui ensino superior completo, é divorciada e bissexual, não possui filhos e nem religião e seu vínculo de emprego é com carteira assinada. É importante pontuar que, para nortear as respostas na análise, conforme a caracterização das mulheres, foi se esquematizando e identificando as entrevistadas como E-1, E-2, E-3, E-4, E-5, E-6, E-7, E-8 e E-9.

Após a coleta das informações pelas entrevistas com as mulheres dos diferentes estratos, da transcrição das entrevistas e da construção do arcabouço teórico realizado ao longo da pesquisa, foi empregada a análise hermenêutica-dialética, como técnica de análise dos dados coletados. A hermenêutica permite a escuta crítica e situada, compreendendo os sentidos atribuídos pelas mulheres ao trabalho do cuidado, enquanto a dialética possibilita desvelar as contradições presentes nos discursos e nas práticas, articulando singularidades e totalidades. Assim, a análise se fundamenta na articulação entre experiência, linguagem e estrutura social.



(MINAYO, 2013).

O trabalho de cuidado, embora percebido por algumas mulheres entrevistadas como um gesto espontâneo ou uma prática “comum” às mulheres, é na verdade, um componente estrutural da reprodução social sob o capitalismo, funciona como a base invisível, não remunerada e socialmente naturalizada para a produção e manutenção da força de trabalho. A entrevistada E-1 afirma:

Eu acho que o trabalho do cuidado é algo comum. A maioria das mulheres mesmo, independente da raça... é às vezes a parte econômica, influencia um pouco mais [...] Mas no final, eu acho que o trabalho do cuidado acaba sendo comum a todas as mulheres, independente dessas diferenças individuais. (E-1)

Essa fala evidencia a naturalização do cuidado como atributo feminino, descolado de suas determinações materiais e estruturais. Embora E-1 reconheça que a condição econômica afeta o modo como o cuidado é realizado (por exemplo, contratar alguém para cuidar), ela ainda o percebe como uma característica comum a todas as mulheres, ignorando os elementos de exploração, diferenciação de classe e raça, e principalmente, sua função econômica dentro da lógica capitalista.

Essa visão é criticada por Arruzza e Bhattacharya (2023), para quem a ideia de que o cuidado é uma expressão natural do feminino despolitiza a divisão sexual do trabalho e esconde seu papel ativo na sustentação do capital. Segundo elas, o trabalho reprodutivo se encontra no centro da lógica capitalista.

Complementando essa ideia, Federici (2019) argumenta que o trabalho do cuidado não foi excluído da economia por ser irrelevante, mas justamente por ser indispensável e funcional à acumulação de capital, ao ser realizado gratuitamente no âmbito doméstico pelas mulheres. O cuidado é o que garante diariamente a reprodução da força de trabalho, sem custos ao Estado ou ao capital.

Já a entrevistada E-2 aponta para um aspecto fundamental da reprodução social:

Porque tudo que a gente faz dentro da casa, tá ensinando, tá estimulando eles para o futuro... Eu acho que vai influenciar alguma coisa na economia. (E-2).

Ainda que de forma intuitiva, E-2 reconhece que o cuidado praticado no ambiente doméstico prepara as crianças para a inserção no mundo do trabalho, ou seja, para que se tornem trabalhadores aptos a vender sua força de trabalho no mercado. Essa percepção aproxima-se da crítica desenvolvida por Bhattacharya (2023), que coloca a reprodução como regeneração da vida, sendo esta indispensável para que se tenha trabalhadores para a esfera da produção capitalista.

Outra relação que se pode observar na fala da entrevistada E-7, é em como o trabalho do cuidado na esfera da reprodução, influencia trabalhos informais e precarizados para essas mulheres, visto que um trabalho formal regido por leis trabalhistas, não seria possível, pois o cuidado dos filhos só depende dela.

Além disso, essas relações do trabalho do cuidado não remunerado, com o trabalho



precário na esfera da produção, também são vistas por outras mulheres, conforme mostram as entrevistadas:

No momento eu estou desempregada. Assim, quando eu posso, ou que tenho com quem deixar os meninos, eu estou fazendo umas diárias daí por esse motivo também que eu estou aqui. (E-7).

[...] Se você tem que exercer o trabalho de cuidado, obrigatoriamente você vai se sujeitar a qualquer trabalho informal que apareça. Porque daí você tendo um trabalho informal, você pode estar realizando ele dentro da casa onde você tem que cuidar, às vezes de um idoso, onde você pode conciliar com cuidado dos filhos, com o cuidado de um pai e de uma mãe, que são idosos que precisam de acompanhamento. Então o trabalho de cuidado, ele coloca as mulheres também nessa posição de se sujeitar a qualquer tipo de trabalho, de colocar elas na informalidade, por isso que não tem dados precisos, porque elas estão na informalidade. Você não consegue dados sobre trabalho informais. (E-3)

Desse modo, mesmo quando o cuidado aparece nas falas como algo amoroso e instintivo, a análise crítica revela que esse trabalho é apropriado pelo capital para garantir sua própria continuidade, ao custo da exaustão, da precariedade e da sobrecarga das mulheres. Assim, Bhattacharya (2023) destaca que a luta por reconhecimento e redistribuição do trabalho do cuidado é também luta anticapitalista, uma vez que toca no cerne da produção e reprodução da força de trabalho.

No que se refere a relação do trabalho do cuidado na espera da reprodução social com a produção do capital, a escuta das entrevistadas revelou que à teoria da reprodução social, principalmente referindo-se ao trabalho do cuidado, exercido predominantemente pelas mulheres no espaço doméstico, se constitui como uma condição estruturante da produção capitalista, ainda que permaneça amplamente invisibilizado e desvalorizado. A compreensão dessas mulheres sobre os impactos do cuidado na esfera produtiva, demonstra um grau significativo de consciência acerca da função econômica e social que esse trabalho desempenha.

As falas indicam que a mulher, ao assumir a responsabilidade principal pelas atividades de cuidado, permite que o trabalho produtivo se realize fora de casa, em especial por parte dos homens, conforme aponta E-3,

[...] enquanto as mulheres estão desenvolvendo essas atividades em casa, os maridos, os homens estão desenvolvendo outras atividades, então para que eles possam desenvolver, para que outros setores da economia cresça, essas mulheres estão por trás dando suporte, né? Porque todo mundo tem família, né? [...] Então tem que ter alguém ali tomando conta disso, porque se não, não funciona. (E-3).

Essa afirmação evidencia a função de sustentação invisível do cuidado doméstico, essencial para a reprodução da força de trabalho e, por conseguinte, para a continuidade da produção capitalista.

O trabalho realizado pela mulher dentro de casa, ela vai poupar os esforços do homem, vai fazer com que o homem possa produzir mais. [...] Não sei te



responder o quanto isso impacta na economia, mas assim eu sei que o trabalho da mulher é extremamente importante, né? É porque ela está dando um suporte ali pro homem, e a mulher ela acaba não sendo só a doméstica, que lava, passa, cozinha, ela também é cuidadora dos filhos, né, em tempo integral no período em que a criança não vai pra escola, então eu tenho amigas, por exemplo, que reduziram a carga horária no trabalho, para poder ficar com as crianças meio período, porque não conseguiam pagar uma escola em tempo integral e não conseguiram vaga pública em tempo integral, então diminui a renda para poder cuidar dos filhos. (E-5).

A fala da entrevistada E-5 mostra a imbricação entre as esferas da reprodução e da produção social. Ao afirmar que o trabalho realizado pela mulher dentro de casa “poupa os esforços do homem” e permite que ele “possa produzir mais”, traz a partir de relatos de experiência vivida, o que Bhattacharya (2023) teoriza, ao afirmar que a reprodução social é condição de possibilidade da produção capitalista.

O suporte oferecido pelas mulheres, tanto na manutenção da vida cotidiana quanto no cuidado integral com os filhos, sustenta o funcionamento do sistema produtivo ao garantir que os homens possam dedicar-se plenamente ao trabalho formal. Essa estrutura funciona por conta das próprias mulheres que, como exemplifica a entrevistada ao relatar a experiência de suas amigas, sacrificam sua autonomia econômica ao reduzir a carga horária ou abandonar o mercado de trabalho por ausência de políticas de cuidado, como creches em tempo integral. É importante ressaltar a partir da fala de E-5 que ao cuidar dos filhos, da casa, da alimentação e do bem-estar emocional da família, as mulheres reduzem o custo de reprodução da força de trabalho, desempenhando funções que teriam um custo muito elevado para o sistema produtivo.

Outra fala importante para analisar essa relação entre trabalho do cuidado, esfera reprodutiva e produtiva do capital, é a fala da entrevistada E-6:

[...] A mulher, conforme ela desenvolve a atividade... Se ela tá em casa fazendo apenas, entre aspas, essa atividade, ela não tem uma renda e ela não vai contribuir para o desenvolvimento do mercado. E se ela trabalha e tá em casa, se ela tem que fazer tudo, né? Movimenta um pouquinho mais, né? (E-6)

Essa fala revela a desvalorização do trabalho de cuidado realizado no ambiente doméstico e sua aparentemente desconexão com a lógica produtiva capitalista. Ao afirmar que, se a mulher está “apenas” em casa ela “não tem uma renda” e, portanto, “não contribui para o desenvolvimento do mercado”, a entrevistada reproduz o discurso que associa valor à produção de mercadorias e ao trabalho produtivo. Essa percepção dialoga com o conceito de trabalho reprodutivo não remunerado, formulado por autoras como Federici (2019), que denuncia o modo como o capitalismo extrai valor da reprodução da vida sem reconhecê-la como parte da economia formal. A partir dessa fala, torna-se evidente que o trabalho do cuidado, é fundamental para a sustentação do próprio sistema produtivo capitalista.

Conforme as falas de E-3 e E-8, há a consciência de que esse trabalho deveria ser remunerado, o que remete ao debate sobre o salário para o trabalho doméstico, como aponta também Federici (2019) em suas obras.



Por fim, a fala de E-4 reforça que o acúmulo do trabalho produtivo e reprodutivo é vivenciado de forma exaustiva: *“quando você junta os dois trabalhos [...] é muito difícil”*. Essa jornada dupla, que combina a responsabilidade pela renda e pelo cuidado, constitui um mecanismo de exploração intensificada das mulheres no capitalismo.

Desse modo, a análise revela que as mulheres entrevistadas reconhecem o lugar estratégico do trabalho do cuidado no funcionamento da economia capitalista. Contudo, seus relatos trazem uma perspectiva de que o trabalho do cuidado não remunerado inserido na esfera da reprodução, impacta na economia ao impossibilitar as mulheres de estarem diretamente na esfera da produção, o que distancia a visibilidade desse trabalho, enquanto base para a sustentação da produção e reprodução do capital.

3 RESULTADOS E CONCLUSÕES

Este trabalho teve como objetivo central compreender a relação entre o trabalho feminino do cuidado no âmbito doméstico e a esfera da reprodução social, problematizando seus impactos na produção capitalista a partir das compreensões expressas por mulheres de diferentes grupos sociais. O percurso metodológico adotado permitiu não apenas interpretar as falas das entrevistadas, mas relacionar essas análises às teorias sustentadas pela crítica feminista materialista ao capitalismo e à divisão sexual do trabalho.

A partir da escuta de nove mulheres, foi possível identificar sentidos diversos, mas estruturalmente relacionados, sobre o lugar do cuidado em suas vidas e sobre como esse trabalho se insere na esfera produtiva. As análises evidenciaram que, mesmo quando não nomeado teoricamente, o trabalho do cuidado é compreendido por elas como central para o funcionamento cotidiano da vida e, de forma indireta, para a economia como um todo.

O trabalho do cuidado foi reconhecido pelas entrevistadas como uma atividade que sustenta emocional e materialmente a família, permitindo que outros membros, especialmente os homens, estejam disponíveis para a esfera produtiva. Essa afirmação dialoga diretamente com as feministas da teoria da reprodução social, as quais afirmam que a produção capitalista depende estruturalmente do trabalho não pago realizado no espaço doméstico em sua maioria, pelas mulheres.

As falas também revelam tensões subjetivas profundas entre a sobrecarga, a culpa e a sensação de apagamento de si mesmas. Muitas mulheres se percebem como o suporte invisível da estrutura familiar e social e vêem em outras mulheres, o seu suporte de descanso, tornando essas relações de cuidado, uma grande teia de mulheres exaustas. Além disso, enfrentam as dificuldades de conciliar esse trabalho de cuidado, com o trabalho remunerado, principalmente aquelas que são mães solas e não possuem recursos financeiros, contando com a ausência e inoperância do Estado, que falha na oferta de políticas públicas eficazes para as suas condições



de mulheres, mães e trabalhadoras.

Dessa forma, o presente trabalho revelou a potência de escuta das mulheres como caminho epistemológico e político. As compreensões que emergiram das entrevistas foram necessárias não só para compreender a perspectiva dessas mulheres em relação ao trabalho do cuidado e sua relação com a esfera reprodutiva e produtiva do capital, mas também para dar voz e reconhecer o trabalho (in)visível realizado por essas mulheres. (In)visível porque esse trabalho, como demonstram as entrevistas, é visto pelas mulheres. Elas não somente vêem esse trabalho, mas sentem na pele o cansaço e a exaustão que a relação capital e patriarcado tem sobre elas.

Ao concluir este trabalho, permanece a certeza de que pensar o cuidado é pensar a reprodução da vida, mas também suas rupturas, seus limites e suas potências. E ouvir as mulheres, em suas múltiplas vozes, gerações e condições, trouxe a pesquisadora de volta à realidade concreta, ao cotidiano e à *práxis* social. A presente pesquisa além da sua contribuição acadêmica, simboliza a visibilidade, a voz e a resistência das mulheres trabalhadoras.

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi. **Teoria da Reprodução Social: elementos fundamentais para um feminismo marxista**. Tradução de Camila Carduz Rocha e Clara Saraiva. Revista Contemporânea. v.13. n.2. 2023. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1258>

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto** Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

BATTHYANY, Karina. **El Trabajo de cuidados y las responsabilidades familiares en Uruguay: proyección de demandas**. 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/1357900/El_trabajo_de_cuidados_y_las_responsabilidades_familiares_en_Uruguay_proyecci%C3%B3n_de_demandas

BHATTACHARYA, Tithi. **O que é a teoria da reprodução social?**. 2013. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2019/09/04_Bhattacharya.pdf

BHATTACHARYA, Tithi. **Teoria da reprodução social: remapeamento de classe, recentralização da opressão**. São Paulo: Elefante, 2023.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2018.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FRASER, Nancy. **Crise do cuidado? Sobre as contradições sociorreprodutivas do capitalismo contemporâneo**. In: BHATTACHARYA, Tithi. Teoria da reprodução social: remapeamento de classe, recentralização da opressão. São Paulo: Elefante, 2023. p. 45-68.

IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. São Paulo: Cortez Editora, 2011

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **A experiência hermenêutica**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 10, supl., p. 303–314, 2005.



Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/>.

REIS NETO, Roberto Magno; CHAGAS, Clay Anderson Nunes. **O método hermenêutico-dialético aplicado às ciências sociais: uma análise sobre sua utilização para o estudo do tráfico de drogas.** Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 18, n. 2, p. 1–13, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2019.2.29611>.